



## UM ESTUDO DA “IDEOLOGIA DE GÊNERO” NO FACEBOOK VERSUS A TEORIA DE GÊNERO DE JUDITH BUTLER

Rebecca Helena Wendhausen de Castro <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho analisa críticas feitas à teoria de gênero, tratada como “ideologia de gênero” por seus críticos e atribuída por eles a Judith Butler. A partir de uma pesquisa realizada no *Facebook* pelo termo “ideologia de gênero”, as duas páginas mais relevantes à época (contando com cerca de 15 mil seguidores em conjunto) tiveram seu conteúdo analisado mais minuciosamente. As descobertas de como esse conceito é articulado, um significante vazio em que podem ser encaixados todos os movimentos e reivindicações sociais que não agradam os grupos contrários a ele, é confrontado com o conceito de gênero como desenvolvido em Butler.

**Palavras-chave:** Ideologia de gênero, Teoria de gênero, Judith Butler, Catolicismo.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi confeccionado originalmente em meados de julho de 2018, como parte da disciplina “Sociologia e Feminismo”, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Marcelino e a aluna de pós-graduação Maira Abreu, no Primeiro Semestre de 2018, oferecida pelo Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

A utilização do termo “ideologia de gênero” frente a “teoria de gênero” remonta a uma história de conflito, cuja origem remonta a debates das Nações Unidas nos anos 1990, quando o conceito “gênero” é utilizado pela primeira vez num documento intergovernamental. Logo em seguida, o termo começa a ser atacado pela direita católica norte-americana, que nele reconhece um “forte potencial desestabilizador da dita ordem natural dos sexos.” (Corrêa, 2017) Inicia-se então uma vasta produção de argumentos contra tal conceito, tratado muitas vezes como aparato de uma conspiração feminista internacional, associado frequentemente – nos países suscetíveis a tal estratégia, como o Brasil – também à ameaça comunista.

É interessante observar o forte papel que a Igreja Católica tinha e continua tendo nessa luta, hoje acompanhada também de muitos outros atores religiosos. Dessa forma, muitos dos movimentos anti-gênero são também anti-aborto e a favor da “família”, entendida por eles

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo – USP, rebecca.castro@usp.br;



como um núcleo heterossexual casado com filhos, de preferência mais de um. Corrêa advoga que tal “moldura semântica” de “ideologia de gênero” é um significante vazio e adaptável:

Cabem nela [na “ideologia de gênero”] o direito ao aborto, as homossexualidades, os corpos trans, as famílias diversas, educação em gênero e sexualidade, transmissão do HIV, trabalho sexual, uma cesta básica que pode ser facilmente ajustada às condições de cada contexto. Seus discursos constroem analogias insólitas entre feminismo, teoria queer e comunismo, uma estratégia que tem ecos em contextos onde esse espectro continua ativo, como no Brasil.

Sobretudo, mobilizam lógicas e imaginários simplistas, esquemáticos e constituem inimigos voláteis – aqui as feministas, ali os gays, acolá, os artistas, mais adiante os acadêmicos, alhures os corpos trans – alimentando pânicos morais que distraem as sociedades de problemas estruturais que deveriam estar sendo debatidos, como as crescentes desigualdades de gênero, mas também de classe, raça e etnia. (Corrêa, 2017)

Nesse sentido, a tarefa de conceitualizar o que tais grupos entendem exatamente por “ideologia de gênero” torna-se, também, vazia. Não há um corpo sólido de críticas a serem feitas à teoria de gênero, o significante só é encaixado em quaisquer contextos que não agradem aos interlocutores. Suas convicções também não são coerentes, pois aliada à justificação teológica de que Deus teria feito o homem e a mulher, à sua semelhança, como duas metades destinadas a se encontrarem e formarem uma unidade com o sentido de propagar a vida; utilizam-se de argumentos biológicos ligados às “leis da natureza” e fazendo menção às diferenças corpóreas em pessoas com pênis e pessoas com vaginas como o “normal”.

Embora usem argumentos teológicos, as campanhas anti-gênero falam a língua do Animal Planet. Seus porta-vozes estão, de fato, aderindo a Darwin quando dizem que autonomia reprodutiva, as muitas formas de família e a plasticidade sexual não se opõe[m] apenas à lei divina, mas vão contra as leis da natureza. [...] cabe perguntar, contudo, se essa ordem natural que buscam proteger não é, de fato, frágil. Tão frágil que se faz necessário um brutal investimento para preservá-la. (Corrêa, 2017)

Fica bastante evidente o quanto é paradoxal aliar justificativas teológicas a argumentos biológicos quando se tem em mente o quanto a Igreja Católica entra em conflito com a biologia ao defender o criacionismo, não reconhecendo a evolução das espécies.



## METODOLOGIA

A fim de estudar a mobilização de tal termo, foi realizada uma busca no *Facebook* por “ideologia de gênero”, encontrando algumas páginas com tal nome e duas em especial com algo em torno de 5 a 10 mil curtidas cada, as maiores.

Analisando suas postagens, um site do qual sempre se compartilhavam links contra a “ideologia de gênero”, chamado *Sempre Família*, fica em evidência. É com base nas postagens desse site e links externos associadas a elas que se tece o presente estudo.

## DESENVOLVIMENTO

Num artigo escrito à Folha de São Paulo, denominado *Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil* (Butler, 2017), Butler se defende do uso da palavra “ideologia”:

A teoria da performatividade de gênero busca entender a formação de gênero e subsidiar a ideia de que a expressão de gênero é um direito e uma liberdade fundamentais. Não é uma "ideologia". **Em geral, uma ideologia é entendida como um ponto de vista que é tanto ilusório quanto dogmático, algo que "tomou conta" do pensamento das pessoas de uma maneira acrítica.** Meu ponto de vista, entretanto, é crítico, pois questiona o tipo de premissa que as pessoas adotam como certas em seu cotidiano, e as premissas que os serviços médicos e sociais adotam em relação ao que deve ser visto como uma família ou considerado uma vida patológica ou anormal. (Butler, 2017, grifos meus)

Um livro frequentemente citado – pelos críticos que têm algum conhecimento do que a teoria de gênero realmente fala – é o *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade* (Butler, 2003). No primeiro capítulo, “Sujeitos do sexo/gênero/desejo”, a autora reconsidera o *status* da “mulher” como sujeito do feminismo e a distinção de sexo/gênero.

Butler questiona, primeiramente, a construção da categoria “mulheres”, que seria feita com o objetivo de garantir uma política representacional. O sujeito feminista – nesse ponto, a mulher – seria discursivamente construído com o objetivo de buscar reconhecimento e emancipação política. Butler aponta alguns problemas com essa categorização. Além de problemas com a categoria ser criada dentro dos mesmos sistemas que busca combater, há a



questão de designar “mulheres” como uma identidade comum a todos esses sujeitos. “Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (Butler, 2003, p. 20). É preciso levar em conta as intersecções raciais, de classe, étnicas, sexuais etc., que formam as diferentes mulheres compreendidas na luta feminista e que de fato não deixam que se estabeleça uma generalização coerente e inclusivas.

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, **acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina.** A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe. (Butler, 2003, p. 20, grifos meus)

Nesse sentido, apesar de conceito de patriarcado universal já ser amplamente criticado e não ter mais a credibilidade que tinha no passado, a concepção compartilhada de “mulheres” continua a existir e apresentar um problema a ser resolvido. Butler dá um passo além, e afirma que essa noção binária de masculino/feminino constitui a estrutura exclusiva para definir a especificidade do “ser mulher”. Propõe, então, uma fragmentação da unidade desse sujeito, que poderia ser também parte da regulação inconsciente das relações de gênero.

Butler segue então, apresentando a distinção já existente nos debates feministas entre sexo e gênero. O sexo seria atribuído ao corpo em termos de sua constituição biológica, ao passo que o gênero diria respeito ao que seria culturalmente construído nesses sujeitos. Nesse sentido, o gênero não decorre de maneira nenhuma de um determinado sexo e, supondo que haja uma estabilidade do sexo binário, também não decorre que a “a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos” (Butler, 2003, p. 24). Indo mais além, afirma a autora que não há razão para supor que somente existem dois gêneros, essa assunção somente mostra uma crença implícita da correspondência entre sexo e gênero.

Passo seguinte de Butler é questionar a imutabilidade do sexo. Não teria ele uma história também? As concepções a seu respeito não teriam mudado ao longo do tempo ou teriam sido sempre da mesma forma como são entendidas hoje? Nesse ponto, cabe mobilizar o estudo de Thomas Laqueur em *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* (Laqueur, 2001), em que ele faz uma genealogia da construção de sexo como hoje

conhecemos. Até próximo à Idade Média, enxergava-se o corpo da mulher como complementar ao do homem em seu sentido mais básico. As mulheres não seriam outro tipo de sujeito com um corpo diferente, mas somente “homens incompletos” que, por forças maiores, não se tornaram homens. Nesse sentido, existia um só “sexo”.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. **O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.** Resulta daí que **o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.** [...] Essa produção do sexo *como* pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por *gênero* (Butler, 2003, pp. 25-26, grifos meus).

Assim, não só o gênero, como também o sexo são constructos sociais. E mais, a produção do sexo provém, é parte do gênero; nesse sentido, só há *gênero*. É importante observar que em algumas explicações do gênero como construído, há a sugestão de um determinismo implícito, com corpos passivos sobre os quais a “cultura” impõe sua vontade e “constrói” o gênero, tomando o lugar da biologia como definidora do destino.

Por outro lado, Butler cita Beauvoir, com *O Segundo Sexo*, “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”, para mostrar que há uma “vontade” do indivíduo que aí existe, quando alguém se apropria, se torna de algum gênero, há sempre a possibilidade, a princípio, de que poderia ter se apropriado de outro. Seria apenas uma escolha então?

Esse parece ser um dos pontos que os críticos à “ideologia de gênero” não entendem. Muitos deles parecem sentir um pânico de que se as crianças forem ensinadas a respeito da teoria de gênero *escolherão* ser do gênero oposto.

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso

não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero (Butler, 2003, p. 28).

Não é simplesmente uma forma voluntariosa que se impõe nas definições de gênero de alguém, isso é feito sempre sob uma compulsão cultural. Quando os bebês nascem, já são logo identificados como “meninos” ou “meninas”, até antes do nascimento; e com isso vêm as roupas azuis ou rosas, os brinquedos “de meninos” – carrinhos, espadas – e “de meninas” – bonecas, fornhos de cozinhar – que empurram aqueles seres em direção a uma identidade que só serve a reforçar as convenções sociais já impostas a respeito de cada gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas minhas pesquisas, me deparei com uma psicóloga cristã-evangélica, Marisa Lobo, que desenvolve muitos materiais online para falar contra a “ideologia de gênero”. Dentre eles, numa postagem do *Sempre Família* (Favretto, 2018), descobri que ela tinha sido responsável por criar um gibi a ser apresentado para crianças de 4 a 8 anos, a fim de ensiná-los os perigos da “ideologia”; o material está disponível para downloads no site do projeto, intitulado “Viva a Diferença” (Lobo, *Viva a Diferença. Valorização da família cristã*), com o objetivo de “educar, nossas crianças cristãs, conforme ensinamentos bíblicos, verdade biológica, direitos adquiridos pela constituição federal.”

O texto do gibi é bastante fraco, apresenta duas crianças, um menino e uma menina, irmãos, e questionam seus pais a respeito das suas diferenças. Meninos têm pênis e meninas têm vaginas, foram criados por Deus dessa maneira para se casarem e reproduzirem, em defesa da família humana. As crianças perguntam “qual minha identidade?” e a mãe responde “Bia, a sua identidade é feminina. E Zeca, a sua é masculina.”



FIGURA 1: Quadros retirados do gibi Viva a Diferença a respeito de diferenças de gênero

Vê-se na Figura 1 a expressão clara de uma crítica dos movimentos anti-gênero. O grande pânico que têm de que seus filhos sejam desvirtuados e desejem “mudar” de gênero simplesmente porque lhes ensinaram que era possível haver uma não correspondência entre o que lhes foi atribuído ao nascimento e o que sentem dentro deles mesmos. É uma lógica muito similar à aplicada aos relacionamentos homossexuais, como se ensinar às crianças que é possível haver outras expressões de sexualidade que não a heterossexualidade às fizessem “virar” gays também.

Apesar de esse ser um ponto muito importante a se voltar mais à frente, quero chamar atenção para outra característica do gibi que é também observada em outros textos de Marisa Lobo (Lobo, *Popouzudas não me representam*) (Lobo, *Denúncia Grave! Guia ensina sexo, aborto, prostituição e homossexualidade para crianças*) e dão indícios de outra inconsistência interna aos movimentos anti-gênero, pregar alguns tipos de igualdade – jurídica primordialmente – enquanto tentar manter o *status quo* intacto.

Mais à frente no gibi, as crianças questionam a mãe e o pai a respeito das brincadeiras que os meninos e as meninas podem brincar. O quadrinho é surpreendentemente positivo a esse respeito, dizendo que ambos podem brincar de carrinhos, cozinha, bonecas; como também que as tarefas domésticas devem ser divididas. Mostra uma vertente que parece buscar a igualdade jurídica das mulheres, enquanto ao mesmo tempo gostaria de continuar com os “privilégios” que as mulheres têm; como em outro texto seu, Lobo reclama de os homens não se levantarem mais para que as mulheres sentem nos ônibus. Ainda assim, o gibi deixa claro que entende que há diferenças culturais inatas entre meninos e meninas, como pode ser visto nas Figuras 2 e 3.



FIGURA 2: Quadros do gibi Viva a Diferença a respeito de fogões de brinquedo



FIGURA 3: Quadros do gibi Viva a Diferença sobre carrinhos de brinquedo

Nesse sentido, vale a pena voltar a Butler e ver o que sua teoria diz a esse respeito.

[...] como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade? Em outras palavras, a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, **normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas**. Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem



e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo (Butler, 2003, p. 38, grifos meus).

Assim, Butler mostra como as “identidades” inteligíveis são aquelas em que há correspondência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo e define a matriz heterossexual normativa compulsória que gere nossa sociedade. É a lógica aplicada pelos anti-gênero que pregam que o masculino deve ser homem e ter atração sexual por mulheres e o feminino, ao contrário, ser mulher e ter atração por homens. Por isso, talvez, haja uma correspondência do medo de as crianças saberem que há outras performatividades de gênero possíveis e outras sexualidades existentes. Quando uma parte da norma é quebrada, parece “mais fácil” a eles que toda ela seja estraçalhada.

O gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero — sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu — e um desejo — sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. A coerência ou a unidade interna de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. (Butler, 2003, p. 45)

Assim, para os críticos à “ideologia de gênero”, é imprescindível que suas crianças sejam protegidas de qualquer um desses aspectos dissidentes que podem levá-las a destruir seus preciosos corpos feitos por deus. Nesse sentido, quando atacam a teoria de gênero, o fazem de um lugar de bastante confusão. A maioria dos textos contrários à “ideologia” não conceituavam a teoria de gênero de Butler ou faziam qualquer outra menção a teorias científicas no geral, apelando quase sempre para valores cristãos familiares e questões de “natureza biológica”.

Aplicam o termo “ideologia de gênero” a tudo o que não lhes satisfaz e fuja à norma que consideram correta, como aborto, homossexualidade, fazendo menção ao ainda temido monstro do comunismo, sem nunca explicar – e possivelmente entender – o que realmente é a teoria que tanto atacam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, quando críticos à “ideologia de gênero” vocalizam seus julgamentos, o fazem sem relações com o significado de “gênero” como tratado pela academia. Utilizam-no como um significante vazio, que podem preencher com tudo o que lhes convém que considerem desagradável, como a homossexualidade, o aborto, o comunismo, entre outros. Conhecer as teorias de Butler, nesse sentido, em nada ajudaria numa potencial discussão, pois os críticos seriam incapazes de estabelecer diálogos com elas, não as conhecem.

Como maneiras de aprofundar tal pesquisa, poderiam ser tomadas algumas iniciativas, como solicitar a entrada em grupos contrários à “ideologia de gênero”, acompanhar as discussões que lá acontecem e ver realmente qual é o potencial de mobilização lá presente. Parece importante, de modo que se possa encontrar um caminho de entrada ao diálogo e à conscientização, buscando melhorar as relações entre tais grupos e a população LGBTQIA+.

## REFERÊNCIAS

- American College of Pediatricians. (Setembro de 2017). *Gender Ideology Harms Children*. Acesso em Julho de 2018, disponível em American College of Pediatricians: <http://www.acped.org/the-college-speaks/position-statements/gender-ideology-harms-children>
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (21 de Novembro de 2017). *Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil*. Acesso em Julho de 2018, disponível em Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>
- Corrêa, S. (18 de Novembro de 2017). *Ideologia de gênero: rastros e significados*. Acesso em Julho de 2018, disponível em Geledés: <https://www.geledes.org.br/ideologia-de-genero-rastros-e-significados/>
- Favretto, A. (23 de Março de 2018). *Gibi contra a ideologia de gênero é lançado pela Convenção Batista Brasileira*. Acesso em Julho de 2018, disponível em Sempre Família: <https://www.semprefamilia.com.br/gibi-contra-a-ideologia-de-genero-e-lancado-pela-convencao-batista-brasileira/>

Iaconelli, V. (Novembro de 2017). *Seu filho e as questões de gênero, uma aula a céu aberto*.

Acesso em Julho de 2018, disponível em Controvérsia:

<http://controversia.com.br/5936>

Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Lima, J. D. (13 de Junho de 2015). *O que é “ideologia de gênero”?* Acesso em Julho de 2018, disponível em Gazeta do Povo: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/o-que-e-ideologia-de-genero-0zo80gzpwbxg0qrmwp03wpp1>

Lobo, M. (s.d.). Acesso em julho de 2018, disponível em Viva a Diferença. Valorização da família cristã: <https://vivaadiferenca.com.br/>

Lobo, M. (s.d.). *Denúncia Grave! Guia ensina sexo, aborto, prostituição e homossexualidade para crianças*. Acesso em Julho de 2018, disponível em Marisa Lobo: <http://marisalobo.com.br/denuncia-grave-guia-ensina-sexo-aborto-prostituicao-e-homossexualidade-para-criancas#>

Lobo, M. (s.d.). *Popouzudas não me representam*. Acesso em Julho de 2018, disponível em Marisa Lobo: <http://marisalobo.com.br/popouzudas-nao-me-representam-#>

*Sempre Família*. Acesso em Julho de 2018, disponível em Sempre Família: <https://www.semprefamilia.com.br/>

Silva, P. J. (24 de Novembro de 2017). *Butler em recuo estratégico*. Acesso em Julho de 2018, disponível em Sempre Família: <https://www.semprefamilia.com.br/butler-em-recuo-estrategico/>